



Editorial

A abrangência da temática do fenômeno migratório, das diferentes categorias de pessoas e grupos em mobilidade e o número de interlocutores implicados nestes processos vêm aumentando consideravelmente. Como consequência, os estudos que lhe dizem respeito se multiplicam. As instâncias da cultura e da sociedade, da política e das relações internacionais, da Igreja e de todos os níveis de poder institucionalizado são desafiadas a qualificar seu pensamento e sua ação quando interpeladas pela mobilidade humana. Pessoas e povos em caminho põem na pauta de governos, instituições e sociedade civil questões-chave, que dizem respeito não menos que à vida. As problemáticas, paradoxalmente, não pedem somente respostas operativas, mas a justa formulação das perguntas e das questões, em todos os âmbitos do saber e do planejamento.

A complexidade sugere o recorte analítico, sem renunciar à análise e ao aprofundamento em uma visão mais ampla, e à diversidade de abordagens, metodologias e ciências. Era necessário ousar uma escolha ao se situar para o lançamento da REMHU. A opção pela interdisciplinaridade é uma busca por rigor e pela riqueza de diálogos que toquem compreender e desencadear processos conectados à vida e ao futuro de quem migra e das sociedades a eles relacionadas.

O tema deste primeiro volume - o projeto migratório - não é correntemente abordado e há poucos estudos e políticas voltadas para o assunto. Sua pertinência contudo, recai na inclusão da leitura e da interpretação do fenômeno migratório sob a perspectiva dos próprios sujeitos em mobilidade. Estudos e estratégias de planejamento legislativo

e operacional, nos mais diferentes âmbitos, não podem ignorar os processos intrínsecos à mobilidade, como suas causas e suas conseqüências para a sociedade e suas instituições - inclusive as religiosas - e para os Estados-Nações.

Falar sobre projetos migratórios no contexto contemporâneo é relevante, especialmente, porque desafia a tendência dos Estados em focalizar os interesses econômicos nacionais em detrimento aos desejos, às necessidades, às chances de cidadania e aos direitos humanos de indivíduos e coletividades que, com diferentes projetos de vida e de futuro, migram interna ou internacionalmente. A importância do tema se deve também por contemplar pessoas e coletividades que venceram ou conheceram a derrota em seus projetos migratórios e que, ao chegarem a novos locais, pediram o direito à palavra e a espaços de vida aonde puderam reagir, se reorganizar e fazer escolhas para integrarem ou se protegerem das intempéries dessas novas realidades. Há que se levar em consideração também que essas mesmas demandas e necessidades são sentidas por pessoas e coletividades que se vêem diante de desafios colocados pela presença de imigrantes em suas sociedades.

Os artigos, elaborados por especialistas da sociologia, da teologia, da antropologia, da psicologia, da filosofia, da missiologia, das ciências da educação e da psicanálise, apontam elementos para a análise e a interpretação de contextos e de múltiplos aspectos dos movimentos contemporâneos de população, entendidos como processos humanos, socioeconômicos, políticos e culturais, para citar algumas dimensões, e que são, além disso, marcados pela realidade da globalização.

Além dos artigos, integram o presente volume: uma entrevista com um especialista sobre a realidade dos processos que marcam as trajetórias dos refugiados; um texto escrito por uma família sobre seu projeto migratório nos meandros desafiadores da direção sul-norte mundiais; três narrativas femininas do entendimento e do trabalho no contexto migratório, respeitando e valorizando a situação específica e os projetos dos migrantes, escritas por Irmãs Missionárias Scalabrinianas, uma seleção bibliográfica sobre o tema da revista e duas resenhas.

A heterogeneidade dos fluxos migratórios e o foco interdisciplinar da revista indicam que o tema não se esgota com esta publicação e que, por meio desta, o CSEM se abre a horizontes ainda mais amplos e desafiadores. O objetivo da publicação não é dar respostas, mesmo que busque indicar caminhos para elas, mas fomentar o debate. Almejamos que a REMHU seja uma mesa a mais para o diálogo e para homens e mulheres *migrantes*.